



A SATISFAÇÃO COM A IMAGEM CORPORAL DE ADOLESCENTES DE ESCOLAS PÚBLICAS DAS CAPITAIS BRASILEIRAS – ESTUDO PeNSE, 2015

Gabriel Brito Procópio
Profa. Dra. Ana Cristina Viana Campos

Agência Financiadora: Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e de Desenvolvimento Tecnológico e Inovação PIBIC 2017 Subprograma - PIBIC/Fapespa.

1. INTRODUÇÃO

A educação em saúde, no âmbito escolar, como é apontado em várias pesquisas científicas, explicitam a relevância de as estabelecerem como espécie de ferramentas de ação em saúde, considerada umas das ações mais eficazes para o controle sanitário de uma população. Está atuação deve se respaldar de um aspecto agregador de ações entre os setores (saúde e educação) como um veículo fundamental para se estabelecer trabalhos de educação em saúde.

Com isso, a intersetorialidade é um dos mecanismos mantidos pelo SUS, onde a retórica de englobar trabalhos em saúde nestes setores, vem sendo inserida na própria política vigente (PSE). O Programa Saúde na Escola (PSE) foi instituído em 2007 com o Decreto nº 6.286, de 5 de dezembro de 2007, que se dispõe em articular ações, no âmbito escolar por meio das secretarias de educação e saúde, com intuito de um desenvolvimento integral a saúde dos indivíduos (Brasil, 2007).

Tendo em vista a importância dos núcleos escolares, a Pesquisa Nacional de Saúde Escolar (PENSE) em sua terceira edição 2015, investigou os fatores de risco e proteção à saúde dos adolescentes, junto aos escolares do 9º ano do ensino fundamental do País, como também de alunos em idades de 13 a 17 anos, dentro de um conjunto de escolas antecipadamente definido, sendo selecionada as amostras.

Um das variáveis analisadas foram as características das escolas (pública e privadas) envolvendo desde informações sobre infraestrutura disponível para alimentação, atividade física, acessibilidade, saneamento básico e higiene, até informações sobre a existência de regras e normas de conduta adotadas pelas escolas, políticas de assistência à saúde e nível de segurança do entorno. Tendo em vista sua abrangência do estudo em todo âmbito nacional.

No entanto, cabe destacar alguns fatores preponderantes visto na pesquisa. Onde 97,1% dos estudantes do 9º ano (Ensino Fundamental) no Brasil, tinham banheiros separados em seus respectivos sexos. Sendo que as escolas que apresentaram os menores percentuais de banheiros separados por sexo foram os respectivos entes os federativos: Acre (84,9%), Roraima (87,6%), Pará (88,2%) e Maranhão (88,8%).

A estrutura do saneamento básico e higiene, quando não garantidos podem influenciar diretamente na saúde dos discentes. Em relação a nutrição dos mesmos no âmbito escolar foi notório a presença de uma dieta desregrada e o acesso livre a comidas ricas em gordura saturada, sódio e açúcar. 70,6% dos alunos em escola privada consomem o refrigerante, na escola pública esse índice é de 58,5%. Os salgadinhos industrializados (escola pública – 49,7%, escola privada – 62,3%) e guloseimas (escola pública – 63,7%, escola privada – 60,0%) também estão presentes na alimentação escolar.

Neste sentido, o ambiente escolar é um espaço privilegiado para o pleno exercício da educação em saúde. A escola deve proporcionar um ambiente saudável e seguro para o aprendizado e desenvolvimento pleno das crianças, protegendo-as de situações que representem riscos a sua saúde física e psicológica (IBGE, 2016). É Nesta perspectiva que as OPAS (Organizações Pan Americanas de Saúde) estabeleceu como iniciativa regional, com a finalidade em difundir em todos os Estados Membros do modelo de Escolas Promotoras de Saúde (EPS) como uma estratégia integral e integradora para o fornecimento de serviços de saúde escolar que transcendam a atenção médica tradicional e se fundamentem em ações de promoção da saúde no âmbito escolar (OPAS/OMS, S/D).

O objetivo do estudo foi avaliar a satisfação com a imagem corporal de adolescentes de escolas públicas das capitais brasileiras em relação ao sexo; sendo esses espaços entendidos como cenários favoráveis às atividades de educação alimentar e nutricional, visando à promoção da saúde.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Este é um estudo ecológico com a utilização de dados secundários obtidos no Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar - PeNSE 2015. O objetivo consistiu em investigar os fatores de risco e proteção à saúde dos adolescentes, junto aos escolares do 9º ano do ensino fundamental do País, como também dos escolares com idade de 13 a 17 anos do País, dentro de um conjunto de escolas previamente definido (Amostra). Para cada um destes grupos de escolares foi criado um plano tabular.

A coleta dos dados foi realizada entre abril e setembro de 2015. No que diz respeito ao questionário, um mesmo modelo foi aplicado para todos os escolares das Amostras 1 e 2. Ainda que os temas investigados sejam os mesmos, em 2015 novas perguntas foram incluídas, outras excluídas e muitas foram adaptadas para facilitar o entendimento dos estudantes, padronizar as opções de respostas e contemplar a metodologia recomendada pela Global School-based Student Health Survey - GSHS, desenvolvida pela OMS. Foram introduzidos "saltos" para determinadas perguntas do questionário, com o objetivo de diminuir seu tempo de aplicação e minimizar a ocorrência de respostas inconsistentes. A maior parte das variáveis do questionário da PeNSE 2015 apresentou percentual de não resposta inferior a 1,0%.

Para este estudo utilizamos os dados referentes ao percentual de escolares frequentando o 9º ano do ensino fundamental das escolas públicas das capitais brasileiras no ano 2015. As variáveis deste estudo foram: grau de importância atribuído à própria imagem corporal, por sexo: muito importante ou importante e pouco importante ou sem importância. A construção do banco de dados será realizada no programa estatístico Statistical Package for the Social Sciences for Windows – SPSS versão 19 para análise dos mesmos. A comparação entre as variáveis foi realizada por meio da correlação de Spearman, com nível de significância estabelecido em $p < 0,05$.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este estudo analisou o grau de importância atribuído à própria imagem corporal, por sexo entre as capitais brasileiras. No Brasil, a grande maioria dos escolares do 9º ano do ensino fundamental se classificou como muito importante ou importante em ambos os sexos (81,9% no sexo masculino e 86,2% no sexo feminino). Entre todas as capitais brasileiras, Belo Horizonte (MG) apresentou o maior percentual na categoria muito importante ou importante tanto para o sexo feminino (88,9%) quanto para o sexo masculino (83,4%).

Em relação ao grau de importância atribuído à própria imagem corporal, observa-se que a pior percepção foi entre as mulheres, 11,1% classificou a imagem corporal como pouco importante ou sem importância. Além disso, a média para a categoria muito importante ou importante foram $79,5 \pm 2,3$ e $84,4 \pm 1,7$ são do sexo masculino e feminino, respectivamente (Tabela 1).

Na tabela 1 observa-se os resultados do teste de correlação de Spearman revelou que a importância da imagem corporal está estaticamente correlacionada por sexo entre escolares frequentando o 9º ano do ensino fundamental das escolas públicas, na categoria muito importante ou importante ($p=0,009$) e pouco importante ou sem importância ($p=0,001$).

Tabela 1. Grau de importância atribuído à própria imagem corporal, por sexo entre as capitais brasileiras, PeNSE, 2015.

Medidas de resumo	Muito importante ou importante		Pouco importante ou sem importância	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Mínimo	74,0	81,0	16,6	11,1
Média	79,5	84,4	20,5	15,6
Desvio-padrão	2,3	1,7	2,3	1,7
Mediana	79,5	84,1	20,5	15,9
Máximo	83,4	88,9	26,0	19,0
Correlação	0,48		0,48	
p-valor	0,009		0,001	

A adolescência é uma fase em que as transformações corpóreas, se estabelecem como fatores de mudanças biopsicossocial. Em relação ao sexo foi apontado neste estudo que entre as capitais, o sexo feminino apontou a pior percepção de imagem pessoal (11,1%). Sendo que já é apontado em outros estudos. Um dos possíveis fatores para esse desdobramento de percepção sofre influência do desconhecimento, a falta de preparo psicológico, solidez de uma base familiar, o que as tornam mais susceptíveis as pressões das culturas

da sociedade no que se refere aos próprios padrões estéticos. O que pode influenciar diretamente a saúde das adolescentes. Pimentel e colaboradores afirmam que a insatisfação com a imagem corporal pode gerar problemas de saúde como anorexia, bulimia ou consumo de álcool e drogas (Pimentel, 2017).

Ao se abordar os resultados para as capitais no Brasil, observa-se que a maioria (81,9%) dos alunos do 9º ano do ensino fundamental considerava que a sua imagem corporal era importante ou muito importante.

A grande preocupação dos adolescentes com as questões estéticas tem provocado alterações importantes no seu comportamento não somente alimentar, mas também social e psicológico, podendo gerar insatisfação com sua imagem corporal e interferir na sua qualidade de vida (Paludo e Dalpúb, 2015).

Tendo em vista que a percepção corporal é construída ao longo da vida, por meio de experiências biológicas, sociológicas e outras podem cooperar (ou não) diretamente para a desvalorização sobre o próprio corpo. Os índices de obesidade na faixa etária de 10 a 19 anos, são movidas por vários fatores que determinam e condicionam o acometimento no público infanto-juvenil. O crescimento da obesidade é apontado pela PeNSE (Pesquisa Nacional em Saúde na Escola) como crescimento vertiginoso. No que se refere aos Municípios das Capitais, Curitiba (40,3%), Florianópolis (38,7%) e Rio de Janeiro (38,1%) apresentavam as maiores proporções de meninas que tentavam perder peso (IBGE, 2015). Movidas pela má nutrição alimentícia, ingestão de sódio, açúcares e gorduras saturada, é um dos fatores relacionados com a má satisfação com a imagem corporal. A obesidade presente na adolescência é um fator que predispõe a permanência da doença na vida adulta, facilitando o surgimento de doenças crônicas não transmissíveis (Paludo e Dalpúb, 2015).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados deste estudo indicam que o grau de insatisfação foi apontado no estudo mais entre as adolescentes do sexo feminino do que em relação ao sexo masculino. A insatisfação pode estar relacionada com as questões de mudanças em questão corpórea (hormonal), e a própria motivação social como padrão estético, pode ser um dos fatores que acarretam a insatisfação corporal. Nesse sentido, a escola é um espaço privilegiado de convivência e estabelecimento de relações favoráveis à promoção da saúde e uma possibilidade clara de detecção precoce de comportamentos de risco em jovens, favorecendo um estilo de vida saudável.

Apesar das capitais brasileiras apresentarem algumas disparidades quanto aos graus sobre a alta percepção dos corpos de adolescentes, os fatores que determinam são variados e recortam cada especificidade em relação as realidades em que as capitais se inserem, dentro de um contexto biológico (individual), sociocultural (coletivo). Nortear as políticas públicas que viabilizem uma melhor estratégia para alcançar os adolescentes mais vulneráveis é uma das estratégias para fortalecer a intersetorialidade.

O Programa Saúde na Escolar (PSE) no acompanhamento e monitoramento dos adolescentes servem de intervenção precoce antes da problemática, em conjunto com estratégia Saúde da Família – ESF é um dos mecanismos para acompanhamento da realidade dos mesmos. Fortalecer ações que visem a integralidade nas ações de prevenção e promoção é de fundamental relevância, digamos que seria uma característica para o equilíbrio e manutenção da qualidade de vida destes que necessitam de precaução contínua.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Universidade do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa), à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Inovação Tecnológica (Propit) e à Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Decreto nº 6.286, de 5 de dezembro de 2007. **Institui o Programa Saúde na Escola - PSE, e dá outras providências.** 186º da Independência e 119º da República. Brasília, 5 de dezembro de 2007.

IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar: 2015.** Rio de Janeiro: IBGE 132 p, 2016. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv97870.pdf> Acesso em: 12/08/2017 as 13h:20min. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/3750#resultado> Acesso em: 12/08/2017 as 14h:12min.

OPAS/OMS, Escolas Promotoras de Saúde - Setor de Embaixadas Norte, Lote 19, 70800-400 Brasília, DF, Brasil. Disponível: http://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=588:escolas-promotoras-de-saude&Itemid=685 Acesso em: 12/08/2017 as 15h:48min.

PALUDO J, DALPUBEL V. **Imagem corporal e sua relação com o estado nutricional e a qualidade de vida de adolescentes de um município do interior do Rio Grande do Sul.** Nutrição e imagem corporal de

adolescentes. *Nutrire*, Apr;40(1):1-9. 2015. Disponível em: <http://files.bvs.br/upload/S/1519-8928/2015/v40n1/a4758.pdf> Acesso em: 12/08/2017 as 18h:19min.

PIMENTEL, et al. **Preocupação com a imagem corporal e fatores associados em adolescentes do ensino público em um município da Amazônia.** *Adolescência & Saúde*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 94-103, abr/jun 2017. Disponível em: <http://www.adolescenciaesaude.com/imprimir.asp?id=654>. Acesso em: 12/08/2017 as 15h:11min.